

Unrest in Brazil: Political-Military Crises, 1955-1964

Por John W. F. Dulles. Austin, University of Texas Press, 1970.

Este é o segundo livro de Dulles sobre o Brasil. O primeiro é uma biografia de Vargas (*Vargas of Brazil: a political biography*, Austin, University of Texas Press, 1970). E, aparentemente, o trabalho de pesquisa de Dulles não terminará aqui, pois anuncia-se um terceiro livro desse mesmo autor sobre o comunismo no Brasil.

Como se pode observar pelos títulos dos livros, Dulles tem escolhido períodos ou assuntos importantes e controvertidos da história do Brasil para estudar. Talvez, nessa escolha se encontra a maior virtude do autor.

Dulles já se havia demonstrado, em sua biografia de Vargas, um cuidadoso pesquisador bibliográfico. De fato, ele apresenta naquele livro um levantamento que nos parece ser um dos mais completos — senão o mais completo — sobre o controvertido político brasileiro.

Em *Unrest in Brazil*, também, o autor apresenta uma bibliografia bastante rica sobre o período. Neste segundo livro, entretanto, o autor se baseia em informações colhidas através de numerosas entrevistas que realizou com personagens que participaram ativamente na vida política do país durante esse período histórico.

Não se pode dizer, entretanto, que Dulles seja um cientista, pois ele não fornece, em qualquer momento de seus trabalhos, uma interpretação explícita sobre o período que analisa.

Os livros de Dulles são, portanto, contribuições jornalísticas valiosas para a historiografia brasileira, mas não podem ser considerados trabalhos científicos.

Ocorre, entretanto, que mesmo como contribuição jornalística, *Unrest in Brazil* precisa ser lido com todo o cuidado crítico, pois ainda que Dulles não apresente qualquer interpretação explícita, pode-se notar um viés ideológico implícito no livro.

Assim, em quase nenhuma parte do livro — a não ser no caso dos personagens marxistas — o autor examina as motivações que levam os atôres a se comportarem de determinadas maneiras em certos momentos da história. Como consequência de tal postura, os personagens atuam como se fossem motivados pelas suas exclusivas vontades individuais. Em outras palavras, Dulles parece acreditar no voluntarismo como motivação para a ação social.

Outro problema metodológico, que é aparente no livro de Dulles, se refere a uma certa facilidade do autor em rotular ideologicamente determinadas personagens cuja ideologia nos parece difícil de definir. Assim, para Dulles, não há dúvida de que Francisco Julião é um marxista.

Esses dois defeitos metodológicos criam alguns problemas de clareza na descrição da história feita pelo autor norte-americano. Por exemplo, tem-se dificuldades para compreender o comportamento de João Goulart, em determinados momentos de sua trajetória política. Não queremos dizer, com isso, que o comportamento de Goulart seja fácil de ser compreendido. Queremos sugerir, apenas, que se Dulles explicitasse um modelo de explicação para o período, o comportamento político de certos personagens talvez ficasse mais compreensível.

Dissemos, no início desta resenha, que uma das grandes virtudes de Dulles é a de escolher, para estudar, temas e períodos importantes e controvertidos da história do Brasil. De fato, só em circunstâncias muito especiais um estudioso brasileiro poderia ter realizado o trabalho de pesquisa que Dulles realizou para escrever *Unrest in Brazil*. Basta observar, por exemplo, que o estudioso norte-americano teve acesso a pessoas e documentos inacessíveis à maioria dos estudiosos brasileiros. Assim, Dulles entrevistou pessoas

inacessíveis para brasileiros (como Gregório Bezerra, em 24 de outubro de 1967, quando esse personagem se encontrava prêso, em Recife); ou documentos também inacessíveis (como o relatório do inquérito instaurado contra Luiz Carlos Prestes e outros por ocasião da revolução de março de 1964, preparado pelo Departamento de Ordem Política

e Social da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo).

Dessa forma, estudiosos como Dulles podem dar uma contribuição original (ainda que defeituosa) ao conhecimento da história do Brasil para os próprios brasileiros.

MANOEL TOSTA BERLINCK

Movimentos Partidários no Brasil

Por Paulo Roberto Motta. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.

Ainda que haja numerosos estudos setoriais sobre a dinâmica dos partidos políticos brasileiros, não havia até a publicação deste livro, um tanto didático, nenhum que resumisse, de maneira sistemática, o que já se conhece sobre o assunto.

Nesse sentido, o livro de Paulo Roberto Motta vem suprir uma lacuna na literatura política do Brasil.

O escopo do livro não é, entretanto, apenas o de sistematizar conhecimentos esparsos.

Nas palavras do próprio autor, o livro “visa, especificamente, a levantar hipóteses sobre as estratégias da elite agrária e dos militares como fatores de mudança no sistema partidário” (p. XIV).

Para tanto, o autor adota uma postura teórica, comum na moderna ciência política, segundo a qual “o processo político é, em última análise, um processo grupal, que enfatiza os interesses manifestados por diversos grupos na formulação de determinadas políticas. Os grupos são vistos principalmente no seu aspecto estrutural e nos motivos que condicionam a sua existência, ou que os levaram a defender certos interesses” (p. VI).

De acordo com essa definição, o autor concebe a estratégia dos militares como “qualquer intervenção desse grupo institucional — os militares — na vida política, de modo a ocasionar a formação, extinção ou divisão de qualquer partido político” e a estratégia

da elite agrária “como sendo qualquer forma de comportamento desse grupo não-associativo — a elite agrária — na vida política, de modo a ocasionar a formação, extinção ou divisão de qualquer partido político” (página XIV).

A partir dessa postura teórica, Paulo Roberto Motta analisa as transformações ocorridas no sistema partidário brasileiro, no período compreendido entre a independência (1822) e a extinção dos partidos políticos (1965).

O autor, para realizar tal análise, parte das seguintes premissas: “1.^a. os partidos políticos brasileiros carecem de base ideológica e geralmente cresceram em torno da personalidade de um líder; 2.^a. os partidos políticos brasileiros não são nacionalmente integrados e, sim, fundados em bases regionais. Alguns deles atingiram dimensões nacionais através da aliança de líderes regionais; 3.^a. os partidos políticos brasileiros são controlados por grupos oligárquicos. A oligarquia dos partidos é constituída de líderes regionais com prestígio nacional, os quais não somente promovem alianças entre si, mas também tentam traduzir os seus desejos nas normas e programas partidários; e 4.^a. os partidos políticos brasileiros têm mostrado, desde 1945, uma tendência para adquirir características de partidos de classe” (p. XIII).

Em seguida, o autor passa a analisar os partidos políticos imperiais para depois exa-